

A ALEGORIA SOBRE O VÉU DE MOISÉS NA SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS (2COR 3,12-18)

Cláudio Vianney Malzoni¹

Resumo

Em 2Cor 3,12-18, há uma reflexão de Paulo, em forma de alegoria, sobre o véu de Moisés, que é o objeto desta comunicação. O objetivo é mostrar como Paulo faz um recorte de uma passagem do livro do Êxodo (Ex 34,29-35) para inseri-la em sua argumentação. A metodologia será a da pesquisa bibliográfica. Espera-se poder mostrar como a exegese praticada por Paulo procura preencher uma lacuna deixada pela narrativa do Êxodo – por que Moisés cobria seu rosto com um véu? – dando-lhe, em seguida, uma interpretação alegórica com a intenção de tirar, dessa narrativa, um sentido atualizado.

Palavras-chave: Segunda Carta aos Coríntios. Véu de Moisés. Leitura alegórica.

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Carta aos Coríntios é um escrito polêmico, no qual transparece um conflito existente entre Paulo e a igreja em Corinto. Nesse conflito, aparece a questão da carta de recomendação (*systatiké epistolé*) (2Cor 3,1), que seria uma carta que os pregadores itinerantes levariam consigo, dada por suas comunidades de origem, para ser apresentada nas comunidades para onde se dirigiam. Ao que parece pela argumentação de Paulo, os coríntios teriam pedido a ele sua carta de recomendação, e Paulo lhes faz ver que tal pedido, neste caso, não tem sentido, uma vez que foi ele próprio que fundou a igreja em Corinto, ou como ele escreve: “Nossa carta sois vós, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos” (2Cor 3,2).² É no contexto dessa argumentação que Paulo menciona a narrativa do véu

¹ Doutor em Ciências Bíblicas pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Teologia.

² Os textos do Novo Testamento foram traduzidos diretamente de *NOVO Testamento grego (O)* (2009).

de Moisés (Ex 34,29-35) e faz, a respeito do véu, uma interpretação alegórica.

Para apresentar a interpretação alegórica do véu de Moisés serão dados três passos. O primeiro será para a apresentação da perícope sobre o véu de Moisés em Ex 34,29-35, com o objetivo de mostrar o texto em seu contexto original. O segundo passo será apresentar 2Cor 3,12-18 em seu contexto na Segunda Carta aos Coríntios. O terceiro e último passo será mostrar o modo como Paulo faz um recorte da narrativa do Êxodo e o insere em sua argumentação, preenchendo uma lacuna do texto, isto é, dando uma explicação por que Moisés cobria seu rosto com o véu, e utilizando alegoricamente essa narrativa, atualizando-a em sua argumentação contra os judaizantes na igreja em Corinto.

2 O VÉU DE MOISÉS EM EX 34,29-35

A narrativa de Ex 34,29-35 encontra-se na última seção do livro do Êxodo, que pode ser chamada de “Israel no Sinai: a aliança e as leis” (Ex 19–40), em uma subseção que teria como título: “a ruptura da aliança e sua renovação” (Ex 32-34) (Ska, 2003, p. 42). É a perícope que encerra essa subseção. Na edição de “A Bíblia de Jerusalém”, a perícope tem como título “Moisés desce da montanha”. Eis o texto na tradução dessa edição:

²⁹Quando Moisés desceu da montanha do Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do Testemunho, sim, quando desceu da montanha, não sabia que a pele de seu rosto resplandecia porque havia falado com ele. ³⁰Olhando Aarão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele de seu rosto resplandecia; e tinham medo de aproximar-se dele. ³¹Moisés, porém, os chamou; Aarão e os chefes da comunidade foram até ele, e Moisés lhes falou. ³²Depois aproximaram-se todos os filhos de Israel, e ordenou-lhes tudo o que Jahweh havia dito sobre a montanha do Sinai. ³³Quando Moisés terminou de lhes falar, colocou um véu sobre a face. ³⁴Quando Moisés entrava diante de Jahweh para falar com ele, retirava o véu, até o momento de sair. Ao sair, dizia aos filhos de Israel o que lhe havia sido ordenado, ³⁵e os filhos de Israel viam resplandecer o rosto de Moisés. Depois Moisés colocava o véu sobre a face, até que entrasse para falar com ele (1981, p. 115).

O contexto próximo da perícopé é aquele da ruptura da aliança e sua renovação. A subseção começa com a narrativa do bezerro de ouro (Ex 32,1-6). Na sequência, está a perícopé de Moisés que quebra as tábuas da lei (Ex 32,15-24). Ele prepara outras duas tábuas, como as primeiras, e sobe a montanha (Ex 34,1-5). A perícopé sobre o véu de Moisés se situa quando Moisés desce da montanha (Ex 34,29).

A perícopé pode ser dividida em duas partes. A primeira traz uma narrativa pontual: quando desceu da montanha, a pele do rosto de Moisés resplandecia por ele ter falado com *Adonay*. Ele mesmo não sabia disso. Aarão e os israelitas temiam aproximar-se de Moisés, mas ele os chamou: a Aarão e aos chefes da comunidade, que foram até ele. Depois, vieram todos os israelitas e Moisés lhes transmitiu, como ordens, o que *Adonay* lhe dissera quando estava sobre a montanha do Sinai. Quando terminou de falar, Moisés cobriu o rosto com um véu (Ex 34,29-33). A segunda parte não trata de um acontecimento pontual, mas habitual: quando Moisés entrava (na tenda?) para falar com *Adonay*, retirava o véu de seu rosto; ao sair, transmitia aos israelitas o que tinha sido ordenado. Eles viam o rosto de Moisés que resplandecia. Depois, Moisés colocava novamente o véu (Ex 34,34-35). Seja quando se apresentava diante de *Adonay*, seja quando falava aos israelitas, Moisés tinha o rosto descoberto. Fora disso, cobria seu rosto com o véu.

3 O VÉU DE MOISÉS EM 2COR 3,12-18

2Cor 3,12-18 não forma uma perícopé em si, mas faz parte de uma perícopé maior que abrange todo o capítulo 3 da Segunda Carta aos Coríntios. Essa perícopé pode ser dividida em três unidades:

- a) 2Cor 3,1-3
- b) 2Cor 3,4-11

c) 2Cor 3,12-18 ⁽³⁾

Essas três unidades estão entrelaçadas entre si. Na primeira (2Cor 3,1-3), está o motivo da argumentação paulina: a carta de recomendação. Paulo inverte a questão: ele não tem carta de recomendação para os coríntios porque os coríntios são sua carta de recomendação. Essa carta, afirma Paulo, “foi escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações” (2Cor 3,3c-f).

A menção das “tábuas de pedra” ecoa na segunda parte (2Cor 3,4-11), na qual é evocada a figura de Moisés e, antes dela, a da nova aliança, não a da letra, mas a do Espírito (2Cor 3,6). Nessa parte, já há uma referência à glória que havia no rosto de Moisés (2Cor 3,8-9):

⁸Ora, se a diaconia da morte gravada em letras sobre pedras apareceu em glória, de modo que os filhos de Israel não podiam fixar o olhar no rosto de Moisés por causa da glória de seu rosto, que era passageira, ⁹como não será maior em glória a diaconia do espírito?

Nesses versículos, já se pode notar que, na referência de Paulo, há um elemento ausente da narrativa de Ex 34,29-35: “que os filhos de Israel não podiam fixar o olhar no rosto de Moisés, por causa da glória de seu rosto” (2Cor 3,7b). Essa segunda parte termina com uma reflexão sobre a glória, aquela que resplandecia no rosto de Moisés e a glória atual, aquela passageira, esta que permanece e é superior àquela (2Cor 3,10-11).

A menção da glória que resplandecia no rosto de Moisés ecoa na terceira parte (2Cor 3,12-18), cujo motivo central é o véu de Moisés:

¹²Portadores de tal esperança nos comportamos com total confiança, ¹³mas não como Moisés que colocava um véu sobre seu rosto para que os filhos de Israel não percebessem o fim do que era passageiro. ¹⁴A mente deles se tornou endurecida. Até hoje, permanece esse mesmo véu na leitura do antigo testamento; não é retirado, porque é em Cristo que

³ Em seu comentário à Segunda Carta aos Coríntios, Barbaglio (1989, p. 421-431) dá outra divisão em perícopes, ficando o capítulo 3 dividido em duas perícopes: 3,1-11 e 3,12-4,6. Balla (2014, p. 937-938), por sua vez, comenta a perícopa 2Cor 2,14-3,18, justificando o início da perícopa em 2,14 porque é ali que tem início a defesa de Paulo de seu ministério.

é suprimido. ¹⁵Até hoje, todas as vezes que Moisés é lido, há um véu sobre o coração deles. ¹⁶Quando, porém, se volta para o Senhor, é retirado o véu. ¹⁷O Senhor é espírito, e onde está o Espírito do Senhor, há liberdade. ¹⁸Nós todos com o rosto descoberto, refletindo a glória do Senhor, somos transformados nessa mesma imagem, de glória em glória, pelo Senhor, o Espírito.

Paulo retoma seu argumento de que a glória que resplandecia no rosto de Moisés era passageira e acrescenta que Moisés “colocava um véu sobre seu rosto para que os filhos de Israel não percebessem o fim do que era passageiro” (2Cor 3,13). Também esse dado não provém de Ex 34,29-35, assim como aquele de que os israelitas não podiam fixar o olhar no rosto de Moisés (2Cor 3,7).

É então que Paulo passa à leitura alegórica, ao afirmar que o véu de Moisés permanece até hoje quando os israelitas fazem a leitura das Escrituras, às quais ele se refere com a expressão “antigo testamento” ou “antiga aliança” (*paláia diathékē*) (2Cor 3,14b). Pode ser que aqui Paulo esteja se referindo não as Escrituras no seu todo, mas ao Pentateuco ou Torá, atribuído a Moisés, isto é, das palavras de Moisés ditas às escritas. O véu, no entanto, que antes cobria o rosto de Moisés, não está agora sobre as Escrituras, mas sobre o coração dos israelitas (2Cor 3,15).

A partir dessa comparação, Paulo enuncia o princípio cristológico de interpretação das Escrituras: em Cristo o véu é retirado (2Cor 3,14c), não das Escrituras, mas do coração de quem lê; porquanto, é necessário voltar-se para o Senhor para que o véu seja retirado (2Cor 3,16).⁴ Os últimos versículos estabelecem uma ligação entre a liberdade e o Espírito, que é o Espírito do Senhor, que atua naqueles que, com o rosto descoberto, refletem a glória do Senhor e se deixam transformar por ela (2Cor 3,17-18).

⁴ De acordo com Balla (2014, p. 937), a interpretação cristológica em 2Cor 3,14-16 é tipológica.

4 A LEITURA ALEGÓRICA DE PAULO EM 2COR 3,12-18

Ao referir-se ao mesmo véu de Moisés que agora está sobre os corações dos israelitas que leem as Escrituras, Paulo faz uma interpretação alegórica de Ex 34,29-35. O princípio básico que caracteriza a leitura ou interpretação alegórica é que ela não é feita com o intuito de dar uma explicação do texto ao qual se refere. O objetivo é antes compreender uma situação presente. Para tal, usa-se um texto já existente. Nesse sentido, a expressão básica da leitura alegórica é “assim como”.

No caso presente, pode-se chamar Ex 34,29-35 de texto primeiro e 2Cor 3,12-18 de texto segundo. Paulo toma certos elementos do texto primeiro, notadamente o véu de Moisés, para criar o texto segundo. Sua intenção não é interpretar o texto primeiro, mas determinada situação à qual ele se refere no texto segundo, fazendo-o com o auxílio do texto primeiro. Dada as referências a Moisés e às Escrituras, pode-se pensar que essa situação seja a oposição que Paulo teve de enfrentar da parte dos judaizantes, aqueles que queriam impor aos gentio-cristãos a observância dos costumes judaicos baseados na Lei. Em outra parte da Carta, esses são chamados ironicamente por Paulo de super-apóstolos (2Cor 11,5), e de pseudo-apóstolos (2Cor 11,13).

Decorre desse princípio que uma característica marcante da leitura alegórica é atualizar o texto primeiro a partir de novas situações e de novos atores. Foi o que fez Paulo. No texto segundo, já não se trata mais da situação de Moisés e dos israelitas no deserto, como no texto primeiro, mas de Paulo e dos coríntios que estão com ele, de um lado, que mantêm o rosto descoberto, e dos judaizantes de outro lado, cujos corações estão agora velados. Em sua leitura alegórica, Paulo insere, no texto segundo, um elemento ausente no texto primeiro: que Moisés cobria seu rosto com um véu para que os israelitas não percebessem que o fulgor de seu rosto era passageiro.

Pode parecer que Paulo esteja denunciando uma estratégia de

Moisés para enganar os israelitas.⁵ De fato, ele não está levando em consideração a pessoa de Moisés, mas sim o que Moisés escreveu. Veja-se suas palavras na primeira parte do versículo 15: “Até hoje, todas as vezes que Moisés é lido”. Sua referência é, portanto, à Escritura e, mais especificamente, à Torá (ou Pentateuco), atribuída a Moisés. E ainda mais, nem é à Escritura em si que ele se refere, senão à maneira como é lida, ou seja: com o coração encoberto com um véu (2Cor 3,15b). A palavra coração tem, claramente, o significado de entendimento.

Paulo enuncia, então, qual princípio guia sua leitura das Escrituras da antiga aliança: Cristo. Tal princípio, ele o considera como “o” princípio hermenêutico da leitura dessas Escrituras. De fato, como afirma Belleville (2017, p. 846):

A quantidade de referências a Moisés nas cartas paulinas é pequena. Contudo, é por intermédio dessas poucas referências que temos um importante vislumbre do método hermenêutico paulino e obtemos um entendimento decisivo da relação entre a antiga e a nova aliança.

Enfim, para Paulo, esse modo de interpretar as Escrituras se dá no Espírito, que é o Espírito do Senhor, que conduz na liberdade e leva o/a leitor/a a refletir, em seu rosto, a glória do Senhor, sendo, por ela, transformado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto homem de seu tempo, Paulo praticou a exegese que era praticada em seu tempo. Ao lado da interpretação simples ou literal, também era praticada a interpretação alegórica. Neste texto, foi mostrado como a exegese feita por Paulo de Ex 34,29-35, que se encontra em 2Cor 3,12-18, a respeito do véu de Moisés, é uma exegese de tipo alegórica.

A característica típica desse tipo de exegese é que ela não é feita

⁵ É o que afirma Barbaglio (1989, p. 427-428): “sua referência (de Paulo) é Cristo, espelho resplandecente da glória divina, e não Moisés, que cobre o rosto e, desse modo, engano os israelitas, impedindo-os de ter uma visão nítida do caráter passageiro e caduco da velha aliança”.

com o propósito de explicar um texto em si, mas com o propósito de explicar determinada situação a partir de um texto.

Neste caso, em 2Cor 3,12-18, Paulo quer chamar a atenção para a atitude daqueles que criticam sua liberdade diante das prescrições da lei. Paulo não despreza a lei, mas ensina que ela já cumpriu seu papel. Fazendo tal exegese, Paulo enuncia o princípio cristológico de interpretação das Escrituras de Israel⁶.

Hoje, a interpretação judaica das Escrituras exerce fascínio em muitos cristãos, e, de fato, os cristãos podem aprender muito com a exegese judaica, cujos métodos e conteúdos se encontram inclusive nas cartas paulinas; contudo, sem nunca renunciar ao princípio cristológico de interpretação dessas Escrituras referido por Paulo⁷.

REFERÊNCIAS

BALLA, Peter. 2 Coríntios. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Tradução C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014; p. 937-973.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo*. Vol. I. Tradução José Maria de Almeida. Supervisão exegética Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1989.

BELLEVILLE, Linda L. Moisés. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REIS, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2017; p. 846-848. 2ª edição, 1ª reimpressão.

BÍBLIA de Jerusalém (A). São Paulo: Paulinas, 1981.

NOVO Testamento grego (O): com introdução em português e dicionário grego-português. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

SKA, Jean-Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. Tradução A. Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2003.

⁶ A expressão “Escrituras de Israel” é um modo de se referir ao patrimônio comum tanto do judaísmo quanto do cristianismo, ambos descendentes do antigo Israel.

⁷ Esse fascínio é encontrado, de modo especial, na elite intelectual com formação bíblica de mediana a especializada. Entre aqueles que têm formação deficiente, é mais comum encontrar o fascínio pelo Estado de Israel.